

## Deus e Pessoa em Leonardo Coimbra

Celeste Natário<sup>1</sup>

Como é sabido, na filosofia criacionista de Leonardo Coimbra, o problema de Deus ocupa um decisivo e primordial lugar de destaque, pois, como afirma o próprio autor, «o problema de Deus é o problema do significado humano ou super-humano mas finito e do significado absoluto da moral»<sup>2</sup>. Deus é então o que a pessoa *procura* no seu progresso moral, sendo afinal também o seu fundamento ético-religioso. A consciência moral é a mais entranha realidade e essência, onde a conjugação do conhecimento e amor eleva para o mais alto. Desde a dialéctica científica, que levou à pessoa religiosa, à dialéctica artística, que levou pelo sentimento à vida religiosa das pessoas, (vida essencial de acção moral que, pela vontade, ultrapassa os determinismos, dominando-os), é pela dialéctica filosófica que a plena liberdade e posse dos determinismos permitirão à pessoa prolongar «num heróico esforço a sua vida até ao absoluto»<sup>3</sup>, onde todas as noções científicas e artísticas diferentes foram ordenadas em última e definitiva síntese.

Então o movimento filosófico chega a um momento em que a pessoa «se apreende em Deus como mónada», constituindo pois um momento metafísico e último. Contudo, e se a filosofia criacionista apontando desde o início para um vértice, a ele consegue chegar, fá-lo pelo esforço de uma actividade livre, inteligente e amorosa, não por algo recebido e sem esforço, mas pelo que o pensamento justificou construindo, pois «ciência, moral e religião têm de ser momentos de pensamento e não imposições estranhas»<sup>4</sup>.

O pensamento leonardino no seu último momento dialéctico apreende-se no sistema metafísico que é a sua essência, pois o Criacionismo como a mais ampla e coerente síntese filosófica permite a abertura e o diálogo necessário da pessoa religiosa

---

<sup>1</sup> Docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Enquanto investigadora, tem-se dedicado, em particular, à filosofia e cultura portuguesas, tendo publicado: *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico* (1997); *O Pensamento Filosófico de Raul Proença* (2005); *Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX* (2008); *Itinerários do Pensamento Filosófico Português: da Origem da Nacionalidade do Século XVIII* (2010); *Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica* (2010). Tem organizado múltiplos encontros científicos. Coordena o projecto de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal” (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto).

<sup>2</sup> *Obras de Leonardo Coimbra*, coordenação e revisão de Sant’Anna Dionísio, Porto, Lello, 1983, vol. I, p. 326.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 306.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 329.

na vida infinita, permitindo acender-se na luz que banha Deus, vértice que se atinge pelo esforço moral e progressão dialéctica. E aí é a vida mais íntima e silenciosa em que «as mãos que cavaram, erguem-se rezando; é a sede de água que devora as rochas, é a sede de Infinito que devora as almas»<sup>5</sup>.

Infinito, que é sempre uma *presença*, isto é uma espécie de transcendência na imanência, pois Deus como eterno criador e condutor da grande manifestação que é a vida, pode ser entendido na filosofia leonardina como ponto de partida e ponto de chegada, ou numa terminologia de Teilhard de Chardin, o ponto Alfa e Ómega<sup>6</sup>.

O para além, o mais acima a que o homem quer subir, consciente que aí encontra a luz que ao longo da vida procurava, leva-o a transpor todos os obstáculos desde a dialéctica científica à última realidade que o define - a pessoa - e sempre num contínuo transcender-se para atingir o *absoluto criacionismo de Deus*.

Nada na natureza pode bastar a não ser o ideal, a fonte inspiradora das nossas acções, que é Deus, pois:

«o homem quer o absoluto, e todo o Universo entra no pensamento e nas suas acções e compreende-se assim como consciência representativa do Todo e, portanto, consciência cósmica da sua dignidade espiritual»<sup>7</sup>.

Deus pelo amor que irradia, e as criaturas pelo amor que por Ele nutrem, permite um encontro profundo entre todos os seres.

E o mistério? É certo que este nos excede, o que não significa a diminuição da pessoa humana, pois é de certa forma o mistério que faz com que o homem caminhe, tentando aproximar-se na máxima verticalidade das profundidades do espírito. A este propósito Leonardo esclarece:

«mas que não queira isso dizer que é mais volumoso e mais vasto e menos consciente e justo, menos belo e unitário. Deus não pode ser diferente do homem por lhe ficar aquém em consciência de si e da fraterna reciprocidade da existência; Mas porque a mais efémera onda de devoção e amor, de

---

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 391.

<sup>6</sup> Sob uma possível aproximação entre Leonardo Coimbra e Teilhard de Chardin, é esclarecedor o artigo de Manuel Ferreira Patrício, *Leonardo Coimbra e Teilhard de Chardin*, Évora, Universidade de Évora, 1983.

<sup>7</sup> *Obras...*, ed. cit., p. 214.

universalismo e bondade, arremessada do coração humano, é o ósculo da sua alta beleza à nossa mísera profundidade»<sup>8</sup>.

Então é fácil de perceber que Deus não está longe mas extremamente próximo do homem, pois Ele é uma constante presença permitindo infinitas possibilidades, afirmando o autor:

«Deus é vivo, ele é mesmo a vida, o espaço metafísico e transcendente que coordena e enlaça todos os movimentos, desde o mais humilde rasgar duma corola ao crescimento da meditação abrindo em prece os lábios humanos. Essa a face sublime do Mistério, infinito abraço de amor unindo as criaturas, enchendo o ar e o éter de estremecimentos comunicativos, percorrendo em ondas a vastidão do planeta, espalhando-se em luz na imensidade sideral»<sup>9</sup>.

O impulso religioso é original e originário, permitindo que a pessoa se eleve a uma máxima potência pelo pensamento e pelo amor como causa da sua própria vivência de compreensão de tudo e do Todo que é afinal a exigência de Unidade, isto é, de Deus, pois o homem deseja tudo entender, tudo abraçar. A ascensão do homem para um infinito excedente é em Leonardo conseguido por um longo percurso, exigindo esforço e alguns *saltos*, mas possível quer graças ao homem quer, e principalmente, graças a Deus, pois a sua Graça e amor se disponibiliza para a realização humana.

Podemos então afirmar, tal como Leonardo, que a filosofia, ao acabar-se em religião, isto é, a religião como uma mais elevada explicação e solução para a ansiedade metafísica do homem, pode considerar-se como um espaço a partir do qual se vai tornando lúcido o princípio da harmonia em que uma certa amorosidade *onto-ética* se torna evidente. Deus é a garantia dos valores morais do homem, pois n'Ele se encontra o alento e o sopro de uma vida verdadeira.

Entender o homem é entendê-lo através de um pensamento aberto, progressivo e ascensional, que o leva ao absoluto, pois ele o quer significando também que todo o universo entra no seu pensamento e suas acções, pois que um critério de perfeição é medida e meta a atingir, não vendo aí um acréscimo de vantagens humanas, mas sim uma atitude, um ideal que transportará o homem e a humanidade para uma harmonia mais perfeita onde tudo adquire sentido. Esta forma de pensar criacionista está em

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, vol. II, p. 345.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

perfeita sintonia com o cristianismo e a teologia cristã, para quem a mais alta realidade e o maior valor é a pessoa e o seu crescimento para a perfeição. Qualquer humanismo tem como objectivo a realização de um tipo humano ideal, ou seja, a nobilitação do homem, que na prática não se verificou em todos os humanismos. O humanismo que Leonardo entende que cumpre esse objectivo é o humanismo cristão onde o pensamento do filósofo claramente se integra, pois sempre foi um homem profundamente religioso e cristão, e, no final da vida, católico. No cristianismo é afirmado que o homem ocupa um lugar proeminente, sendo também senhor do universo e seu porta-voz junto de Deus, que goza da dignidade de pessoa inviolável e sagrada, o que a filosofia leonardina também afirma.

A filosofia leonardina orienta-se desde o início pelo conhecimento potencial na unidade do ser, operando através da dialéctica criacionista um "religar" dos vários estádios teóricos, o que nos permite considerar que a sua filosofia é uma consciente dialéctica prevendo um fim. O mistério do divino sempre afagou as progressivas preocupações metafísicas do filósofo, que já na sua primeira obra define o *Criacionismo* como um sistema que "constrói" a consciência das sensações coordenadas para as subordinar a fins ideais, sendo «a sua atitude perante Deus (...) de confiança vinda da continuidade da vida moral, e por isso, nunca esquece que o caminho de Deus é o da virtude (...). A afirmação da sua vontade moral (ainda que solitária) em frente do universo amoral, é um dos momentos do seu caminho para Deus»<sup>10</sup>.

Leonardo teve como tantos outros homens um percurso existencial que passou por uma juventude menos "católica", em que foi a seu modo um contestatário, embora nunca agressivo mas ponderado, pois acreditava sobretudo nos valores da pessoa humana em que a liberdade e a fraternidade permitiriam ao homem a plenitude e a dignidade. Crente no absoluto e, talvez por isso, o filósofo português, na sua especulação em torno da existência humana, seu sentido e significado, e apesar das contrariedades da sua própria vida pessoal, não caiu nos extremos de uma angústia doentia ou pessimista pois quando próximo desses sentimentos deles se afastava, acreditando em algo de divino e transcendente, de que a sua adesão final à religião católica (pouco tempo antes de morrer) poderá ser visto como um sinal.

A grandeza humana e fonte de toda a sua riqueza reside na execução de uma *tarefa* para a qual foi criado o homem, pois inserido no âmago da natureza deverá realizar na sua pessoa a síntese de riquezas cósmicas, pois «os fins do homem são na

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, vol. I, p. 11.

ascensão do conhecimento, da imaginação até ao terceiro grau do conhecimento em espécie eterna ou Deus»<sup>11</sup>, e «a filosofia (...) será a própria vida espiritual na origem, nascimento e visão de Deus»<sup>12</sup>.

E quase no final de *Criacionismo - Síntese filosófica*, Leonardo escreve:

«Coragem, meus irmãos! A vida é bela e eterna; subamos a ela, à grande e eterna vida. Não há limites para a alma humana, como não há limites para nenhuma mónada. O espaço e o tempo não as limitam, nenhuma estranha fatalidade as limita.

Elas são, em Deus, isto é, na infinita possibilidade da sua acção moral, reais e ilimitadas. A sua linguagem é o espaço e o tempo, porque são activas e livres.

O espaço e o tempo não as limitam, nem as deformam. Nenhum mal intrínseco as aflige. Todos os pessimistas, que têm feito o balanço do mundo, têm feito um balanço fraudulento. Não há mal e bem em si, que se possa contar e medir. O mal é a cegueira, a bruteza, o *cousismo* do pensamento ou sentimento. O bem é o consentimento interior na ordem e na harmonia universais»<sup>13</sup>.

Ora, se o homem consente esse bem, se o homem ama verdadeiramente, encherá a terra das obras do espírito e na intimidade da alma humana alcançará Deus.

\*

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, vol. II, p. 25.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>13</sup> *Ibidem*, vol. I, p. 391.